



Por uma cultura de paz

109. RedeUnaViva: Meditação Cristã 109 – paragem 121 – 16.10.2016

MARCOS 7:17-23; MATEUS 15:12-20; LUCAS 6:39

OS VÍCIOS DA ALMA

109.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Que complementos à lição o Cristo acrescenta, na intimidade com os apóstolos?

- a. Sobre o escândalo dos fariseus.
- b. Sobre o provérbio: “não é o que entra pela boca que contamina o ser humano, mas o que dela sai.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como evitar os vícios da alma para a prática da meditação?

109.2 Introdução: A unidade do Cristo.

Após responder o questionamento autoritário e impertinente dos fariseus, o Cristo virou-se para a multidão, por considerar bastante oportuno firmar, naquela ocasião, no coração humano um princípio básico da Boa Nova.

Muito há para ser esclarecido sobre a relação entre as bordas da espiritualidade e o seu centro.

Muitos sistemas trazem embutidos cuidados com a saúde do corpo a fim de melhor preparar o investimento espiritual do devoto ou do praticante. Para citar apenas dois, destaco o yoga e sua associação com o vedanta, consolidado na Índia, e o Taoísmo, como tradição milenar da China. Apresentam-se como sistemas psicossomáticos, em consonância estreita com a receita que os movimentos culturais atuais ditam para coibir à dicotomia cartesiana, prevalente na segunda metade do milênio passado. Entendeu o filósofo francês – muito combatido e pouco apreciado – que naqueles idos do século XVII, era bom para a ciência nascente separar os estudos da natureza daqueles voltados para a alma. Sua motivação principal era a de evitar que o poder religioso impedisse o avanço do conhecimento verdadeiro. Se vivesse numa época em que a religião operasse com acerto e justeza, seria cabível a condenação da sua divisão. Mas naquele cenário, esta segregação começou a libertar a ciência do jugo católico. E assim, foi positivo.

Numa cultura oriental holística, como na Índia, praticar dhyana (meditação), depois de preparar o corpo com os *âsanas* (posturas) e o *pranayama* (respiração), tem



Por uma cultura de paz

uma pertinência vantajosa antevista pela sabedoria do mestre Patanjali. Da mesma forma, o pensamento chinês integrou a espiritualidade com as atividades mais rotineiras da vida. Assim, o taoísmo integra aspectos de outra dualidade.

A clareza lapidar do Cristo ficou confusa pelo que seus representantes, principalmente o catolicismo, fizeram durante séculos. Condenou o corpo como se ele fosse um inimigo que a verdadeira espiritualidade devesse erradicar. Se atentarmos para o ensinamento cristão desta hora, é justamente o oposto. Nada do corpo ou da matéria atinge o coração devoto e sintonizado na sua fonte primeira. Os vícios não estão no corpo, mas na alma.

Naquela que não sabe se dirigir entre as demandas deste plano, respondendo aos desafios que sua identidade personalista acentua, por se confundir com o corpo.

Muito temos a aprender sobre esta distinção. E mais uma vez os apóstolos precisaram de um segundo tempo para digerir aquilo que era novo para eles. É o que faremos agora com a expressão trazida pelos dois evangelistas, Mateus e Marcos, dando sequência aos capítulos que abriram quando este tema veio à tona.

109.3 Evangelho-parte 1: Jesus esclarece sobre o despreparo espiritual dos fariseus. (Mt, Mc)

Mt 15:10 Aproximando-se então seus discípulos, disseram-lhe: "Sabes que os fariseus, ouvindo o ensino, se escandalizaram"?

11. Mas ele respondendo, disse: "toda planta que meu Pai celestial não plantou, será erradicada.

12. Deixai-os: são cegos, guias de cegos; e se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco".

Lc 6:39. E falou-lhes uma parábola: "Porventura pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no barranco"?

- | | |
|---|---|
| 1. A caminho da casa de Pedro, os discípulos que viram a reação de desagrado dos religiosos, interrogaram o Mestre. | 3. Tranquilizou-os o nazareno: "toda planta que meu Pai celestial não plantou será erradicada". |
| 2. "Sabes que os fariseus presentes se escandalizaram com o teu ensino"? | 4. "Não vos inquietais, pois são cegos, guias de cego; quando um cego guia outro cego, ambos cairão no barranco". |



Por uma cultura de paz

109.4 Evangelho-parte 2: Sobre o alimento do estômago. (Mt, Mc)

Mt: 15:13. Respondendo, disse Pedro: "Explica-nos essa parábola".

14. Jesus então disse: "também vós ainda não entendeis?"

15. Não sabeis que tudo o que entra pela boca, desce ao ventre e é lançado no sanitário?

Mc 7:17. Tendo deixado a multidão, entrou em casa, e seus discípulos lhe perguntaram a respeito da parábola.

18. Ele disse-lhes; "Assim também vós não entendeis? Não compreendeis que tudo o que está fora do homem, ao entrar nele não pode contaminá-lo,

19. porque não entra no coração dele mas no ventre, e é lançado no sanitário"; (disse isto) purificando todos os alimentos.

5. Inquietados com o provérbio, Pedro tomou iniciativa, ao entrar em casa:

6. "Explica-nos essa parábola, Senhor"

7. "Também vós não entendeis que tudo que está fora do ser humano, ao entrar pela boca, não pode contaminá-lo.

8. Este alimento, que transita pelo ventre e não pelo coração, é lançado no sanitário".

109.5 Evangelho-parte 3: Os vícios do coração contaminam o ser humano. (Mt, Mc)

Mt15:18. Mas tudo o que sai da boca, vem do coração, e isto contamina o homem.

19. Porque do coração vêm pensamentos, homicídios, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos, calúnias.

20. São estas coisas que contaminam o homem; comer sem lavar as mãos, não contamina o homem".

Mc 7:20. E disse; "O que sai do homem, isso contamina o homem,

21. porque de dentro do coração dos homens procedem os maus pensamentos, as prostituições os furtos, os homicídios,

22. os adultérios, as cobiças, as malícias, o engano, a intemperança, o mau olho, a calúnia, a soberba e a loucura;



Por uma cultura de paz

23. Todas essas coisas procedem de dentro e contaminam o homem".

- | | |
|--|--|
| 9. "O que contamina o homem é o que vem do coração e sai pela boca. | 11. O engano, a intemperança, a inveja, a soberba e a loucura. |
| 10. Dele vem os pensamentos maldosos como, homicídios, adultérios, prostituições, furtos e cobiças. Malícias, como falsos testemunhos, e calúnias. | 12. Tudo isto procede de dentro e contamina o homem. Comer sem lavar as mãos não contamina o homem". |

108.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Que complementos à lição o Cristo acrescenta, na intimidade com os apóstolos?

a) Sobre o escândalo dos fariseus.

Já tendo dito aos fariseus o necessário, voltou-se para o povo e concluiu com o provérbio que distingue o estômago do coração. Discrimina o trânsito endógeno que faz entrar o alimento corporal da autoafirmação pessoal exógena que a linguagem humana exterioriza. Com o primeiro, nutre-se o organismo físico, e pela segunda, oferece o indivíduo o que tem de si. Um pertence a natureza material, e outra, a espiritual.

Dá as costas aos fariseus por já ter respondido o suficiente. Não cabia misturar regras de higiene com prática espiritual. Trazia o Cristo uma proposta libertadora, que não devia se mancomunar com estranhos ritos, e mais, não precisava exigir aceitação de imediato. Haveria de libertar a humanidade do seu sofrimento, mesmo que para alcançar tal fim milênios tivessem de ser consumidos. Por isto dá as costas. Sofremos por desconhecermos nossa verdadeira essência. De ordinário, enredados na identidade imediata mantemo-nos cativos, demandados pelas injunções do cenário material. Esta ignorância básica, que precisa ser superada, pode ser obtida pelo esforço dedicado, no breve tempo de uma existência. Porém, se a revolução radical, pelo batismo de fogo, não for executada agora, resta o consolo justo, não obstante amoroso, ofertado pelo Pai, em forma de tempo. Nele, a lei opera, através do ciclo sucessivo de morte e renascimento, a educação necessária. Encarnações vindouras como graus de escolaridade da alma.

Neste convite intensificado que o Mestre dirige a todos, coube diferenciar aquilo que é doutrina de Deus daquela que é de homens. Se os *cegos-guias* convenceram os ignorantes da sua aptidão para lhes dirigir os passos, o problema é deles. Cairiam no abismo por não enxergarem o enganoso desvio no caminho. O alerta estava sendo concedido com o ensino da doutrina de Deus. O escândalo divisado, apenas denunciava o despreparo dos fanáticos para receber o Cristo.



Por uma cultura de paz

Conforme salientamos na introdução, combates cerraram-se (e ainda hoje vigoram) contra o cristianismo, em decorrência do quanto ele foi mal compreendido. Mal compreendido por parcela significativa dos adeptos que, com poder, criaram instituições em franca contradição com a sua mensagem. A história é repleta de exemplos. E os críticos, com certa coerência, tomaram como essência esta aparência distorcida. Mais ou menos assim responderam: se é isto que o Cristo prega, não o quero para mim e o considero nocivo para a humanidade.

Portanto, sua proposta é uma falácia. Entrincheiraram-se nos guetos do conhecimento transitório, chegando, filósofos e cientistas, a declarar a morte de Deus. Consideram o pensamento cristão um atraso, uma ilusão, que o Iluminismo e seus sucedâneos contemporâneos haveriam de desbancar.

Esta crítica é muito presente na questão do dualismo corpo-mente, matéria-espírito. Seus combatentes apregoam que o cristianismo nega a importância do corpo e da matéria. Que os deprecia por considera-los adversários do percurso espiritual. E como tal ideal produz a alienação do presente fazendo seus crentes desistirem do mais caro que detemos, ou seja, a existência atual, precisam ser depreciados, já que se afastam do engajamento necessário para que a injustiça social seja aliçada. Se estes críticos se basearem nos representantes comprometidos, até se entende que cheguem a tal conclusão. Mas o contrário aconteceria, caso recorressem à fonte.

Com a atenção acurada depara-se com o oposto, e este é preciso ser enfatizado para fazer clareza em torno do pensamento cristão. O Cristo não é contra a existência terrestre, nem tem o corpo e a matéria como impuros ou prejudiciais à evolução espiritual. Coloca-os no seu devido lugar e não deixa de salientar o principal. “Buscai primeiro o reino de Deus e o resto lhe será dado por acréscimo” (Mt 6:33). Se o corpo é instrumento útil para a romagem terrestre, não pode ser confundido com o espírito, a essência que cada um é. Estamos jungidos à matéria em decorrência da grande Queda, e teremos de nos livrar dela com operações precisas para que o Espírito brilhe sem jaça. A trilha é longa porque, mesmo deixando o corpo material quando a morte o dissolve, continuamos no plano espiritual vinculados a um outro corpo de matéria, não obstante, diferenciada e mais sutil. Trata-se do **corpo espiritual**. Nos dizeres de Paulo – “semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há o corpo natural, há também corpo espiritual” (1 Coríntios 15:44). E tanto dele foi ensinado por Allan Kardec, sob a denominação de **períspírito**. Então, enquanto não alcançamos a libertação, a matéria, também sagrada e abençoada, há de nos acompanhar depois da morte física. Não há porque maldizê-la, mas colocar seu valor na função nobre que desempenha no Universo. Se uma pessoa cultivar sua vida espiritual com adequação, um cuidado justo e respeitoso oferecerá aos seus instrumentos materiais. Seja o seu próprio corpo físico, seja a matéria que abunda neste plano a que fomos instados a trabalhar. A matéria se torna um problema quando o Espírito toma os sinais – as sensações – que ela emite à sua consciência, como o principal. As sensações servem para informar as necessidades da alma enquanto associada ao corpo. A alma precisa agir sobre a matéria e ainda se relacionar com outras almas encarnadas, a fim de se exercitar na construção de uma comunidade que



Por uma cultura de paz

funcione de acordo com os princípios superiores da vida. Ficando escrava das diversas sensações que esta realidade material produz, a alma se emaranha num cipoal de enganos rasteiros. Mas, respondendo com discernimento e diligência, tem-se como resultado um corpo saudável e operoso. E este, hígido, deixará de ser peso ou empecilho ao trabalho espiritual. Há uma grande distância entre este posicionamento e aquele pretendido pelos fariseus – enfatizavam rituais do corpo como meio de atingir a culminância espiritual. Estavam cegos. Se quisessem continuar como cegos guias que o fizessem, mas o Cristo passava adiante, esclarecendo a quem tivesse ouvidos de ouvir.

b) Sobre o provérbio: “não é o que entra pela boca que contamina o ser humano, mas o que dela sai”.

Se o homem é ainda nascido de mulher, seu coração está sujeito a vibrar em descompasso com a lei de amor e sabedoria. Do seu interior vem o móvel do pensar e do sentir, da fala e dos atos.

A linguagem é uma grande conquista da evolução humana – a capacidade de articular sons que, com sintaxe complexa, revela sua intenção. No reino animal é incipiente, e no *hominal*, apesar do avanço, limitada. Seu limite decorre do estágio primário do coração. O Cristo associa o estômago, ou sistema digestório, ao canal de passagem do que entra, e o coração com a sede pulsante, tanto da alma em evolução, como da chama divina. O primeiro, na periferia, e o segundo, no centro. Nosso projeto maior afeita-se à mudança de residência para habitar o reino de Deus, no centro deste *órgão espiritual*. A boca figura-se como porta de entrada para o alimento físico e, simultaneamente, como aparelho fonador que amplifica aquilo que no coração bate. O que mais importa não é o que entra, mas o que sai. Não o alimento nutricional, mas as bênçãos que todo aquele que se sintoniza com a fonte divina distribui. Porém, se não se sintonizar com ela...

Como ser humano, construímos a vida comunitária, cuja célula-unitária é a família. Não obstante a alma imortal oferecer elementos, através de suas matrizes, para a estruturação da personalidade, a nutrição anímica proporcionada pelos pais é de fundamental relevância para a nova identidade. A reencarnação propicia outro tempo de aprendizagem, principalmente porque a infância se configura como campo sagrado para o plantio de sementes valiosas enquanto se capina o mato que, como tendências danosas, vale o extermínio. O papel dos pais para a educação do espírito eterno, ainda não foi devidamente aquilatado pela cultura. A *Escola do Lar* vingará na sociedade, em futuro próximo, como instituição necessária para o sucesso deste processo.

Comentando os vícios da alma, destacados pelo Cristo nesta passagem, é pertinente sua associação com a estruturação da personalidade, no forno das relações parentais da primeira infância. Vamos dividi-los em seis grupos.



Por uma cultura de paz

No **grupo do egoísmo** (1), em que se afirma o domínio do **eu/ego**, como entidade apartada de Deus, encontram-se o egocentrismo, o narcisismo, o orgulho, a vaidade e a soberba.

No **grupo da compulsão** (2), destacam-se as garras prolongadas, e em ação, sobre o alimento, na ilusão de equivalência entre sua falta e o definhecimento consequente do ego. Engana-se na impressão de que sua demasia preencherá o vazio imenso de que a pessoa é constituída. Pensa garantir o prazer, mas apenas suscita a *intemperança* acompanhada de ansiedade. Para associar estes alimentos a dois pecados capitais, destaco a comida e o sexo, que carregam consigo a gula e a luxúria. Problematicados com o sexo aparecem ainda o *adultério* e a *prostituição*. Dois outros atrativos entram no campo desta tara, campeando com grande prevalência na sociedade moderna. São o álcool e a droga, como substâncias psicoativas. O comportamento compulsivo não tratado só faz aumentar as estatísticas de comprometimentos da saúde e dos dramas familiares. Graves enfermidades tantas vezes são seladas com *loucura* ou morte.

No **grupo da raiva** (3), vem o comportamento irritadiço, com a propriedade de distribuir a raiva a granel, quase que ininterruptamente, ou em volume imenso, de uma só vez, em forma de ira (fúria). Tantas vezes, pela incapacidade de lidar com a frustração de não se obter o objeto do seu desejo, a pessoa comete desatinos atrozes. Visando produzir danos no oponente, comete-se o *homicídio*, quando destrói seu veículo físico, ou usando da verve verbal – daquilo que sai da boca –, atinge sua reputação com *mentiras*, articulações *maliciosas* para propagar a *calúnia*.

Para entender o **grupo da inveja e do ciúme** (4), é preciso convocar o início da dinâmica familiar, desenvolvida em cima do triângulo amoroso. De ordinário, ele acompanhará o adulto dirigindo suas relações comuns. Freud, revisitando Sófocles, descobriu no seu Édipo-Rei uma trama arquetípica que, com matizes psicológicos, é reencenada em cada lar durante a constituição do sujeito e da família. Resumidamente, o filho ou a filha sente inveja da condição poderosa do pai de instituidor da lei. Serve esta lei para a criança e para a mãe. Esta, que antes cobria de cuidados o rebento, passa, num segundo tempo, a direcionar sua atenção para o pai, com quem constitui o par principal. Como consequência, aparece na criança o ciúme da mãe. Esta trama exigiria, a rigor, outros desdobramentos explicativos para que fosse totalmente compreendida. Mas, para o objetivo de apontar a relação destas duas atitudes, da inveja e do ciúme, tão primárias à natureza humana, com sentimentos experimentados em fase tão tenra do desenvolvimento, é uma abordagem suficiente.

Os sentimentos-atitudes do **grupo da cupidez** (5), são entendidos como decorrência do desejo. Do mesmo desejo que, conforme já visto, em excesso determina a compulsão, na falta de seu preenchimento, ocasiona frustração e raiva, e no seu percurso é comum ser modulado pela inveja e pela raiva. O comportamento determinado pela ambição e avareza diferencia-se da compulsão por se estruturar numa estratégia de aquisição que não implica no imediatismo da compulsão. O acúmulo de pertences, que pode se valer do *roubo*, é fonte geradora da desigualdade



Por uma cultura de paz

social; riqueza para uma minoria, e pobreza, para extensa maioria. Seu portador fia-se na certeza de que muito possuindo não padecerá da escassez e de suas consequências, mas acaba por criar grande desequilíbrio com este padrão de ilusória segurança baseada na posse. Em verdade, ninguém possui, de fato, qualquer coisa, até mesmo os seus precários estados de consciência. Estes geram sofrimento somente pela crença impregnada de sê-los, como resultado da estagnação no plano do carma.

Cativo neste ciclo repetitivo de desejo que determina preenchimento ou falta, é frequente a pessoa mirar naquilo que determina o **grupo da ociosidade** (6). Possuindo o que deseja, e numa fartura que parece garantida, diferente da ação que se movimenta apenas no campo do prazer, o indivíduo há de cotejar o ócio. Sua equivalência em situações menos “favorecidas” recebe o nome de preguiça, onde com o mínimo empenho, ou até mesmo em grau insuficiente, espera-se conseguir o necessário.

O ciclo, baseado nestes grupos, é claro: ilude-se em falsa identidade, de quase ser Deus enquanto ego (1); associado a esta pretensa superioridade individualizada, desejos múltiplos determinam compulsões (2), avareza (3), ou se fazem acompanhados de inveja (4) e de ciúme – inveja o que não tem e sente ciúme do que pensa possuir. Diante do resultado frustrado do seu investimento, aparece a raiva (5), em diversos graus de expressão; em extremo visa o aniquilamento do outro. E o ócio ou a preguiça (6), como outra forma equivocada de se identificar. Bem distante da vida imanente, mineraliza-se, em consonância com o mundo inorgânico da matéria.

É possível ver nestes grupos acima, tanto os vícios da alma apontados pelo Cristo, que discriminamos *em itálico*, como os sete capitais, que grafamos com o sublinhado, apontados pela cultura católica como atitudes humanas que contrariam as leis de Deus.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como evitar os vícios da alma para a prática da meditação?

Ensinaste-me, Mestre amigo, que sou o que sou por ser Deus. Não eu isoladamente, não eu, única ou privilegiadamente, mas todos os seres sencientes, não obstante a pouca falta de consciência a respeito. Logo, assumir esta realidade de forma condizente conduz à santidade. Ao contrário, como proeza pessoal, a loucura é seu fim. Disto devo ter clareza.

Na originalidade dessa condição, é fácil aceitar o que o momento consubstancia, independente da sua valência, já que pela sintonia fina sou inspirado a fluir pela vida. Fazer o que deve ser feito e passar, sem deter-me na expectativa do resultado. Todos os eventos que me entram, porque neles sou instado a estar, devem passar como o nutriente passa pelo tubo digestivo. Se assim acolhidos, não me contaminarão a alma, tal qual também o ar que entra e sai na respiração.



Por uma cultura de paz

Mas devo intensificar a vigília para me dar conta do que tendo a responder em cima de todo evento que me alcança a consciência. Nesta resposta colocarei o selo da minha identidade egoica ou o da ausculta de Deus em mim. Disseste que isto é possível para todo aquele que crê em ti, e eu creio. Para todo aquele que se reconhece como o Cristo, e eu o sou.

Nesta condição, atitudes de vingança não prevalecerão. Não invejarei o que não disponho, porque Deus só pode usar aquilo que nesta situação particular de corpo e de organização psíquica eu puder oferecer. E com isto devo me contentar.

Não alimentarei o ciúme porque de mim mesmo nada possuo, nem objetos, nem pessoas. Estas são livres nas suas escolhas, que me cabem aceitar. Toda mudança substancial precisa se assentar na decisão pessoal e lúcida. Caso seja realizada em consonância com a vontade do Pai, promoverá equilíbrio e bem-estar. Mas o arbítrio do próximo pode adotar ilusões que devo aceitar, tal como Deus aceita meus enganos. Aceitá-lo, sem me comprometer com suas decisões equivocadas, implica em respeitá-lo. E respeitá-lo me dispõe a não maldizê-lo.

Se quero cultivar o estado de espírito que me proporcione a unificação, preciso cuidar de não ingerir nem deglutir substância que compromete minha saúde mental e que desgasta minhas energias orgânicas.

Cultivar a palavra de incentivo, o gesto de apoio, a presença solidária e o encaminhamento otimista são meios de me de preparar, ao longo do dia, para a oração de comunhão. As oportunidades não faltam.

Aceitando o que a vida me oferece, o familiar e o amigo, minha condição social e econômica, não brigarei com a Providência nem desarmonizarei meus sentimentos. Para conversar com Deus, parcimônia e temperança contribuem pacificando a mente. Minhas relações afetivas e sociais, pautadas na fidelidade e no respeito, harmonizarão meu magnetismo pessoal, como jorro de amor.

Inventariando diariamente meu mundo interno e meu comportamento, estarei seguindo tuas recomendações para não me contaminar com aquilo que entra pela boca e pelo corpo. Exercitando-me neste afã, ao sentar-me para meditar, tenho mais facilidade para domesticar os conteúdos que emergem na consciência. E como consequência, suspender minha personalidade para que o silêncio seja o palco de Deus.

109.6 Versículo(s) para a meditação: Mateus 15:18-20.

18. Mas tudo o que sai da boca, vem do coração, e isto contamina o homem.

19. Porque do coração vêm pensamentos, homicídios, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos, calúnias.



Por uma cultura de paz

20. São estas coisas que contaminam o homem; comer sem lavar as mãos, não contamina o homem".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 110 – paragem 122 – 23.10.16
MATEUS 15:21-28; MARCOS 7:24-30

